

APRESENTAÇÃO

A MUDANÇA DO LUGAR DA VOZ NA CLÍNICA inaugurou a psicanálise. A promoção da escuta dos pacientes e o reconhecimento do valor de sua fala sobrepondo-se à voz do saber médico estabeleceram a prática psicanalítica como tal. Essa inovação pôde acontecer porque Sigmund Freud foi dócil às histéricas. Ao resistir à hipnose, elas o obrigaram a escutá-las. Ele, ao se calar, fez emergir a voz, tomando-a como objeto pulsional e oferecendo-lhe o campo enigmático do silêncio necessário para que o dito de suas pacientes modulasse um dizer. Falar e escutar, circuito que evidencia os efeitos do primeiro sobre o segundo num hiato em que situamos o sujeito e as bordas de seu gozo.

A voz como objeto pulsional foi conceituada por Jacques Lacan com base na lista dos objetos pulsionais estabelecida por Freud, que localizou, essencialmente, os objetos oral (o seio), anal (as fezes) e fálico (o falo). No trabalho do psicanalista francês, a abordagem da voz tem origem no estudo das alucinações psicóticas que invadem e possuem o sujeito, como se vê, notadamente, no delírio paranoico. Lacan, no entanto, rapidamente extrai o objeto voz dessa particularidade psicopatológica para incluí-lo na própria dinâmica do tornar-se sujeito. Sua *démarche* introduz a voz como um objeto da pulsão (invocante), ao lado do seio (pulsão oral), das fezes (pulsão anal) e do olhar (pulsão escópica).

No campo pulsional, a pulsão invocante adquire, pouco a pouco, estatuto particular em razão de sua estreita ligação com o significante e a fala. Desde então, sabemos que a emergência do sujeito e a sua inscrição no grupo humano devem ser compreendidas como estando estritamente ligadas aos móveis do concerto das vozes que o cercam. Os desenvolvimentos de Lacan sobre o objeto voz, todavia, são raros e esparsos, sobretudo se comparados às diversas

lições de *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* de 1964, consagradas ao olhar como objeto da pulsão escópica.

Hoje, aqueles filiados à transmissão de Freud e de Lacan sabem que, na experiência clínica, dar voz ao analisando corresponde a fazê-la funcionar nas condições de um discurso, para que venha a produzir algo de novo em decorrência não do inédito do sentido, e sim da mutação do regime de gozo que o acompanha. A escuta do analista promove uma decifração do material veiculado pela voz, cuja presença é a manifestação do inconsciente em análise. O material revelado pelo inconsciente é submetido ao discurso, à interpretação, a toda a sorte de mal-entendidos, ao passo que a voz é o que atrapalha o sentido, aturde o dito, quebra a lógica e produz uma ressonância corporal distinta daquela que se fixou para o sujeito. Em outras palavras, a interpretação como corte quebra o sentido e destaca a voz como objeto: o que resta esquecido por trás do que se ouve.

Tal pergunta sobre a voz por trás dos ditos se constitui no eixo deste livro. A pesquisa de Jean-Michel Vivès se concentra na dimensão pulsional da voz e na materialidade do som em sua modulação acústica, gestual e gráfica. Nos textos aqui reunidos, ele busca precisar os móveis da voz na psicanálise, abordando-os tanto pela via metapsicológica quanto à luz da psicopatologia.

Ao longo da leitura, o leitor depreende a radical ambiguidade que caracteriza a voz. Esta pacífica porque transmite a lei ao marcar as escansões na fala, mas também subverte, pois seduz pela ausência de sentido e é dotada do poder de inflamar paixões. Vivès elabora suas hipóteses e conclusões, transitando pela imbricação de dois lugares privilegiados. De um lado, valendo-se de sua prática clínica, faz saltar de seu texto o comprometimento com uma ética muito particular, qual seja, acolher o que é da ordem do não sabido e da impossibilidade de respostas prontas; de outro, estende sua pesquisa a algumas expressões da voz na cultura, como a ópera, considerando-a uma encenação de “vozes”, uma vez que o canto “tenta aproximar o que a fala não pode apreender”. Acrescente-se que sua formação de músico o ajuda em sua argumentação acerca seja da positividade, seja da negatividade do papel da voz na constituição do sujeito.

De ambos os lugares de onde o autor fala, demarca-se a trilha por onde sua transferência passa: o retorno aos textos freudianos, a orientação lacaniana, o gosto pela pesquisa e pelas artes. Podendo-se tecer um texto sem destituí-lo da satisfação libidinal em jogo em toda produção, isto é, podendo o espaço literário, expressão urdida por Maurice Blanchot, ser abordado psicanaliticamente como um campo de gozo, vê-se quem escreve transmitir algo capaz de nos envolver.

Ao coeditar mais um livro da Coleção Janus, o Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro oferece novamente aos leitores a oportunidade de entrar em contato com textos que contribuem para a transmissão do discurso psicanalítico, em sua aposta de exercer o “que se diga”, a fim de que o inaudito encontre espaço para ad-vir.

Elizabeth Juliboni